

Esperança confirma culpa

Segundo ela, o Transfuse está servindo

09 SET 1988

CIDADE

do Santa Lúcia

de bode-expiatório

A protagonista do caso Esperança — a parturiente que contraiu Aids durante uma transfusão de sangue pos-parto — confirmou ontem, em depoimento prestado na 1ª Delegacia de Polícia, que a Casa de Saúde Santa Lúcia teve participação direta no ocorrido. Mesmo com a declaração de culpa do proprietário do Transfuse, Sérgio Mesiano, ela revelou suas dúvidas quanto à responsabilidade desta empresa, que disse conhecer apenas pela imprensa.

Disse que a única unidade hospitalar citada pelo médico Antônio Fontenelle, obstetra responsável pelo parto, dizia respeito ao Santa Lúcia, cujo banco de sangue teria fornecido a bolsa sorológica. Enfatizou que as enfermeiras que a acompanharam no hospital também se referiram àquela casa de

saúde. Esperança detalhou a aparição dos sintomas da doença, salientando que procurou a unidade hospitalar para certificar-se do problema.

Nessa busca por "ligações obscuras", ressaltou o interesse do gastroenterologista Rúbson Barbalho, vinculado ao médico, que não participou de nenhuma fase de sua gestação, tenha movimentado o banco de sangue do próprio hospital e mantido contato com Rosete Carvalho, do serviço hemoterápico do HBB, na tentativa de averiguar uma contaminação ainda não confirmada.

HEPATITE

Em seu depoimento, entretanto, diz que procurou o especialista já ciente que contrairia hepatite, mas que um novo teste se fazia necessário para detectar a gravidade da doença — a do tipo B é incurável. Com a confirmação da extensão da moléstia, a paciente solicitou a Barbalho que requisitasse o exame anti-HIV, para confirmar ou não a existência dos anticorpos do vírus Aids.

Relata que em agosto levou o resultado positivo da sorologia ao gastroenterologista, "que imedia-

tamente contactou o responsável pelo banco de sangue do Santa Lúcia", José Cláudio Jardim. Afirmando que, em outro telefonema, dirigiu-se à médica Rosete Carvalho, que se encarregou de averiguar a procedência da papa de hemácias. Esperança salienta n-ao ter recebido informações posteriores, tendo realizado somente testes de confirmação da moléstia — o de Imunofluorescência, que também apontou positivo.

A paciente detalhou a rota aos hospitais, fazendo menção à ligação de ambos os profissionais ao Santa Lúcia. Para ela, essa correlação de fatos começa antes, ainda no trabalho de parto, quando Antônio Fontenelle teria sugerido "a papa de hemácias" da casa de saúde, ao invés da aplicação simples do plasma de parentes.

COMPLICAÇÕES

A necessidade de um reforço sorológico teve início em complicações pos-parto. Uma retenção placentária obrigou o obstetra a "retirar a placenta de maneira forçada", determinando uma hemorragia que perdurou de 1h às 7h da manhã. "Ele me disse que o sangramento era normal. Ao amanhecer, minhas vistas escureceram e a enfermeira me serviu um café para curar a fraqueza".

Com o novo quadro — um exame de toque verificou que ocorria saída de coágulos sanguíneos — Fontenelle determinou que a levassem ao centro cirúrgico para uma curetagem, "onde até mesmo o anestesista demonstrou nervosismo, aplicando remédios injetáveis para a normalização da pressão, antes da anestesia geral".

"Mesmo com a insistência da família, que preferia a doação de um parente próximo, o obstetra optou pela papa de hemácias, produzida em laboratório". As dúvidas quanto à responsabilidade no caso e a procedência do soro começam a ser elucidadas a partir de hoje. O delegado Valdemar Ribeiro, titular da 1ª DP, pretende ouvir as pessoas arroladas, antes mesmo de instaurar inquérito.